

Brasil, África e a (re)organização do discurso colonial em Eça de Queirós

Felipe Rodrigues Soares

Universidade de São Paulo, SP
felipe_frs@usp.br
<https://orcid.org/0009-0005-1235-0870>

A fim de compreender mais um aspecto da produção de efeito ambíguo nas obras posteriores de Eça de Queirós – a saber, *A correspondência de Fradique Mendes* e, particularmente, *A ilustre casa de Ramires* – buscamos pensar os silêncios, emudecimentos e lacunas diversas que, antes de omitirem-se, produzem constantes sentidos às elaborações ficcionais do Brasil, presente na carta de Fradique a Eduardo Prado, e do continente africano de Gonçalo Ramires. Nossa hipótese, portanto, caminha em pensar a organização, ou a reorganização dos discursos, ideais e, em um sentido mais amplo, do arcabouço ideológico colonial oitocentista em Eça de Queirós que, em nossa leitura, busca produzir diferentes efeitos a partir da autoconsciência representacional desses mesmos discursos coloniais.

Palavras-chave: Eça de Queirós; Fradique Mendes; Gonçalo Ramires; discurso colonial; autoconsciência;

In order to understand yet another aspect of the production of ambiguous effect in Eça de Queirós' later works – namely *A correspondência de Fradique Mendes* and, in particular, *A ilustre casa de Ramires* – we seek to think about the silences, mutes and various gaps that, before being omitted, produce constant meanings to the fictional elaborations of Brazil, present in Fradique's letter to Eduardo Prado, and of the African continent in Gonçalo Ramires. Our hypothesis, therefore, is to think about the organization or reorganization of discourses, ideals and, in a broader sense, the colonial ideological framework of the 19th century in Eça de Queirós, which, in our reading, seeks to produce different effects from the representational self-consciousness of these same colonial discourses.

Keywords: Eça de Queirós; Fradique Mendes; Gonçalo Ramires; colonial discourse; self-consciousness;

Considerações iniciais

No trabalho de pensar a questão colonial em Eça, notamos com facilidade a impossibilidade da monologia e suas leituras excludentes das demais vozes expressas pelas personagens ambíguas e, por vezes, incongruentes de seus romances. Em destaque, colocamos uma leitura de Fradique Mendes, em meio a duas de suas cartas, comparadas com final do romance *A ilustre casa de Ramires*, no que tange o destino colonizador de Gonçalo. O posicionamento do debate visa compreender a estruturação do discurso colonial embutido em ambos os romances, *A ilustre casa* e *A correspondência*, e de que maneira Eça os organiza a partir das vozes de seus protagonistas, a fim de obter um efeito profundamente ambíguo.

Assim, no cumprimento dessa proposta, partimos da dialética de senhor e servo, corroborada pelo trabalho da historiadora Susan Buck-Morss (2019), mas no contexto que coloca Osvaldo Silvestre, focalizando as dinâmicas entre senhores e seus criados na obra final de Eça. A premissa do presente trabalho, portanto, está em localizar, a partir de discursos emudecidos ou apagados, certos desvelamentos da lógica e do discurso colonial vigente no século XIX. Nesse sentido, passamos pela hipótese da autoconsciência representacional de Eça na construção de realidades míticas e sua realização propositalmente – e apenas superficialmente – unívoca, apenas para provocar leituras segundas, veiculando o silêncio e as lacunas como discursos latentes, mas tão presentes quanto.

A lógica colonial em Eça de Queirós

Em “Grilo e Smith ou a Dialética (colonial) da Criadagem” Osvaldo Silvestre explora a disputa entre senhor e servo, ou ainda, de senhora e serva, já que seu melhor exemplo é a relação de Luísa e Juliana, n’*O primo Basílio*, formando uma certa dialética da criadagem – subproduto da própria dialética colonial – em que, apesar de se destacar em muito n’*O primo Basílio*, tem seu “saldo final” nos romances do último Eça. Diz o autor: “A dialética da criadagem (digamos: a história) está agora como que concluída e resta-nos assistir à revelação completa da sua verdade. O senhor venceu e o servo, preferindo a vida à liberdade, aceita a sujeição” (Silvestre, 2007: 407). O servo na fase final dos romances queirosianos é, assim, uma “entidade conquistada”, construído de tal maneira a mal ter nome, diferente do que acontecia com Juliana Couceiro Tavira, d’*O primo Basílio*, com nome completo, por exemplo. Emudecidos e restritos a lerem os jornais, os servos serão uma unidade

de subalternos que está irreversivelmente cancelada. Ironicamente, esse recalque nos coloca certas dinâmicas em perspectiva.

O criado de quarto passa a desempenhar, no sistema retórico da ficção queirosiana, o papel de uma metonímia, razoavelmente expansiva, que agrega servos a senhores, transformando para tal a relação entre ambos numa questão de “ética” e “gosto”: o criado é o acompanhante do dândi para que tendem todos estes celibatários e deve-lhe a solidariedade que aos homens de gosto superior é devida. (SILVESTRE, 2007: 407)

O caso analisado por Silvestre (2007) é o da VII carta de Fradique Mendes a Madame Jouarre. Concentrado em narrar um incidente na Alfândega de Lisboa, Fradique começa descrevendo o sumiço de um “saco de couro” que trazia de viagem. Logo, esse problema se resolve, mas passadas as horas, não sobram caleches para se encaminharem, ele e Smith, ao hotel. Tal como uma comédia de erros, o texto segue:

[...] reclamei uma tipóia. O carregador atirou a jaleca para cima da cabeça, saiu ao largo, e recolheu logo anunciando com melancolia que não havia tipoias.

– Não há! Essa é curiosa! Então como saem daqui os passageiros?

[...] eu logo, como patriota descontente, censurei (voltado para o capataz e para o homem da Alfândega) a irregularidade daquele serviço. **Em todas as estações do Mundo, mesmo em Tunes, mesmo na Roménia, havia, à chegada dos comboios, ónibus, carros, carretas, para transportar gente e bagagem... Por que não as havia em Lisboa? Eis aí um abominável serviço que desonrava a Nação!**

[...] Comovido, o homem lembrou outra solução. E era que nós, eu e o Smith, ajudados por um carregador – atirássemos a bagagem para as costas, e marchássemos com ela para o Hotel. [...] **Eu não chorei – mas tinha vergonha, uma imensa e pungente vergonha do Smith! Que pensaria aquele escocês da minha pátria – e de mim, seu amo, parcela dessa pátria desorganizada? Nada mais frágil que a reputação das nações. Uma simples tipóia que falta de noite, e eis, no espírito do Estrangeiro, desacreditada toda uma civilização secular!**

[...] E todos três, de cabeça baixa, o dorso esmagado sob dezenas de quilos, com um intenso azedume a estragar-nos o fígado, lá continuámos, devagar, numa fileira soturna, avançando para dentro da capital destes reinos! Eu viera a Lisboa com um fim de repouso e de luxo. Este era o luxo, este o repouso! Ali, sob a chuvinha imperitine, ofegando, suando, tropeçando no lajedo mal junto duma rua tenebrosa, a trabalhar de carregão!.. (QUEIROZ, 1997: 138, grifo nosso)

O episódio termina com uma caleche que aparece “ao passo do negrume” e que, contudo, não nos deixa esquecer as significativas interações entre Fradique e Smith. Não apenas o dândi sente-se humilhado pela circunstância ao seu redor, como parece sentir-se assim diante de Smith, um escocês – leia-se, um estrangeiro. Ora, a posição da disputa entre senhor e servo aqui começa a delinear-se não apenas diante das interações particu-

lares entre os dois homens, mas a partir de uma perspectiva colonial, isto é, de valorizações nacionalistas. Mais do que isso, a dinâmica nos é contada pelo próprio Fradique em um momento em que sua ironia está focalizando a própria inconveniência de sua posição inferiorizada, ainda que seja o patrão. Nota-se que os méritos ou deméritos postos em questão para Fradique, muitas vezes fogem do indivíduo, mas colaboram para a ideia de Nação, isto é, as qualidades de Portugal são aqui narradas pelas situações individuais, mas estão significadas numa lógica metonímica, tomando o indivíduo pela nação, de modo que a construção do caráter de Fradique é sempre um questionamento, ou reflexão, do lugar de Portugal entre as demais civilizações e culturas da Europa.

Smith é o servo que representa, e debita ao ler o Times, a voz do Império (e o facto de apenas o “ouvirmos” nessa função, mais acentua o seu carácter ventríloquo); Fradique é o senhor de um país periférico e, no seu século, largamente colonizado pela Inglaterra que, de modo a escapar a esta determinação geo-étnica, opta por um destino cosmopolita com centro e residência em Paris. Fradique busca, pois, eximir-se à lógica colonial que de si, enquanto europeu subalterno, faria quase necessariamente um colonizado, deslocando-se da periferia para o centro, e relançando-se deste para as periferias em sucessivas viagens de exploração para-colonial. Por outras e mais rigorosas palavras, Fradique exime-se à lógica do colonizado, de modo a conseguir mais plenamente realizar-se como colonizador, de mão dada quer com a antropologia quer com o turismo nascentes. (SILVESTRE, 2007: 409)

Afinal, o que esse episódio simbolicamente perfaz, é a subversão de hierarquias culturais que estão pressupostas. O senhor faz-se servo diante da colonização cultural, pois há, nas palavras de Silvestre (2007, p. 410), uma “precedência inamovível e bruta do inconsciente étnico-cultural”. Em termos práticos, Fradique está culturalmente subjugado pelos países industriais do século XIX e não pode exercer seu papel de senhor plenamente diante de Smith. Dessa forma, o processo de Fradique de se tornar internacional, cosmopolita e, essencialmente, multicultural, nada é se não uma tentativa de se libertar dos sistemas hierárquicos culturais que regem as relações entre países no contexto eurocêntrico. Ao passo que Fradique afasta-se do centro Inglaterra-França, lança-se para outras nações como europeu civilizado, isto é, como colonizador, não colonizado¹.

¹ Os estudos de cunho comparatista têm se debruçado consideravelmente a respeito dessa dupla pertença de Portugal em face às demais nações. A título de exemplificação, destacamos o conhecido trabalho de Boaventura Sousa Santos (1993: 31-52) e de Ana Silvia Scott (2010).

No entanto, para além das constatações sobre a dinâmica de classes instituída no par Fradique-Smith, interessa-nos perceber como o próprio Eça constrói perfeitamente bem tais categorias de lógica colonial. Isto é, sua consciência das hierarquias culturais dentro do mapa europeu projeta-se de forma bastante legível no episódio citado acima, de modo que o próprio Fradique, como personagem psicologicamente ligada ao seu autor por semelhanças heteronímicas² consegue ser, n' *A correspondência*, uma personagem muito consciente de tais dinâmicas e suas consequências. Isso implica dizer que, enquanto representa tais interações de capital simbólico entre suas personagens, Eça produz uma troça a respeito delas mesmas e sua fugacidade, ou seja, o autor aproveita um discurso social preestabelecido e o reorganiza, coloca-o em foco, em prol de uma ironia socialmente carregada.

O ideário colonial em uso

Seguimos, portanto, na observação dessa clareza discursiva queirosiana a respeito das dinâmicas culturais manifestas por Fradique Mendes. Em especial, na produção de uma autoconsciência irônica, a carta de Fradique Mendes a Eduardo Prado se destaca, enquanto trata das dinâmicas de valorização cultural no Brasil.

[...] a minha impressão é que os Brasileiros, desde o Imperador ao trabalhador, andam a desfazer e, portanto, **a estragar o Brasil**.

[...] Não; o que eu queria é que o Brasil, desembaraçado do ouro imoral, e do seu D. João VI **se instalasse nos seus vastos campos**, e aí quietamente deixasse que, **dentro da sua larga vida rural** e sob a inspiração dela, lhe fossem nascendo, **com viçosa e pura originalidade, ideias, sentimentos, costumes**, uma literatura, uma arte, uma ética, uma filosofia, toda uma civilização harmónica e própria, **só brasileira, só do Brasil, sem nada dever aos livros, as modas, aos hábitos importados da Europa**. [...]

Eis o que eu queria, dilecto amigo! E considere agora como seria deliciosamente habitável **um Brasil brasileiro!** Por toda a parte, ricas e vastas fazendas. **Casas simples, caiadas de branco, belas só pelo luxo do espaço, do ar, das águas, das sombras. Largas famílias, onde a prática das lavouras, da caça, dos fortes exercícios, desenvolvendo a robustez, aperfeiçoaria a beleza. Um viver frugal e são; ideias claras e simples** e uma grande quietação de alma; desconhecimento das falsas vaidades; afeições sérias e perduráveis... (QUEIROZ, 1997: 200-201, grifo nosso)

2 A esse respeito, destacamos o proveitoso estudo de Carlos Reis, "Fradique Mendes: origem e modernidade de um projeto heteronímico" (1999: 237-241).

E encerra:

Não vejo outra salvação. Mas no dia ditoso em que o Brasil, por um esforço heróico, se decidir a ser brasileiro, a ser do Novo Mundo – haverá no Mundo uma grande nação. Os homens têm inteligência; as mulheres têm beleza – e ambos a mais bela, a melhor das qualidades: a bondade. Ora uma nação que tem a bondade, a inteligência, a beleza (e café, nessas proporções sublimes) – pode contar com um soberbo futuro histórico, desde que se convença que mais vale ser um lavrador original, do que um doutor mal traduzido do francês.

Não me queira mal por toda esta desordenada franqueza, e creia-me tão amigo do Brasil como seu. – Fradique Mendes. (QUEIROZ, 1997: 201)

O ideal romântico, exótico, puro, idílico e quase mítico está mais que manifesto nas palavras de Fradique. Em leituras possíveis, pode-se entender que a crítica de Fradique parte de uma rejeição das importações culturais europeias que visam a manutenção de uma estrutura social antiquada e falida. A experiência de europeu colonizado, na dinâmica hierarquizada da Europa, aproxima-o do Brasil enquanto um indivíduo que compreende os males da lógica colonial.

Na esteira dessa leitura, destacamos a dissertação de Vanzelli a respeito do oriente em Eça:

[...] uma vez que Fradique é um ser humano cosmopolita que “realmente conheceu” inúmeras civilizações, Eça parece criticar um cosmopolitismo vazio, pautado por um egoísmo que não contribui para um verdadeiro diálogo civilizacional, em que a cultura do “outro” deve servir como contraponto enriquecedor da sociedade em que se vive. Deste ponto de vista, a crítica de Eça em *A Correspondência de Fradique Mendes* funciona como uma nova representação da questão posta a propósito de um diálogo entre Oriente e Ocidente. (VANZELLI, 2013: 201)

Na contramão dessa primeira interpretação, porém, enquadra-se um Fradique afeiçoado pelo sistema de valorização cultural europeu e que, negando o trânsito cultural entre países subalternos, rejeita o Brasil como elegível às categorias coloniais europeias, numa estrutura de pensamento tipicamente classista.

Independentemente, porém, da intenção de Fradique em sua crítica às iniciativas pouco criativas do Brasil, há uma clara utilização discursiva no texto do exótico, puro, simples, típico e romântico. Voltamos com Vanzelli, a esse respeito:

Apesar da tentativa do narrador de “Memórias e Notas” de exaltar Fradique enquanto homem superior do século XIX, tanto em “Memórias e Notas” quanto na sua correspondência que, teoricamente, apresenta uma leitura especial do Oriente, deixa se escapar um Fradique que difere pouco de correntes de pensamento euro-

peus sobre o Oriente. [...] Ainda deve-se destacar que Fradique tende a ter uma visão positiva do Oriente, principalmente de seu passado – tido como “puro” – que se perdeu diante da modernidade. (VANZELLI, 2013: 200)

Assim, o que transparece a nós, é a imagem de um Brasil como terra simples, de cultura única, mas que não pôde, nem conseguirá perpetuar sua realidade idílica, cedendo aos francesismos, anglicismos e “todos esses ismos sociais que hoje minam e tornam [a terra] tão tumultuosa e rude quando os colonos eram puritanos e graves” (QUEIROZ, 1997: 200). Ora, o que são os “ismos” se não um reflexo daquela mesma dialética colonial, expressa da relação do par Fradique-Smith que é, afinal, “bruta e inamovível”. A representação de Eça no que tange o Brasil, então, está profundamente ligada – e, assim, faz um constante uso – de um ideário colonial a respeito da ex-colônia portuguesa.

Algo de muito semelhante ocorre na África de Gonçalo em *A ilustre casa de Ramires*. Como coloca a professora Maria Teresa Coelho ao refletir sobre as estruturas de associação mítica n’*A ilustre casa*:

A África de Gonçalo surge-nos, pois, não como a África dos finais do século XIX mas como uma imagem da ilha dos abençoados, sugerindo, assim, a regeneração da personagem principal. Gonçalo que, como Portugal, parecia sem alento, percorre um longo caminho que termina quando é enviado numa viagem à África, desfecho de outras viagens através da penetração em vários mundos [...] A viagem à África constitui, pois, uma variante da subida aos céus sendo a última etapa de um ciclo longamente elaborado ao longo do romance. (COELHO, 1997: 417)

Diferente do que é descrito na carta a Eduardo Prado, a construção da África de Gonçalo passa por filtros idílicos ainda mais fortes, como pontua Maria Coelho. Isto é, há uma profusão simbólica na orientação final do destino de Gonçalo, e por sua vez dos Ramires, o que se diferencia amplamente do ensaio pontual de Fradique sobre o Brasil de Prado, e que se desvincula completamente de qualquer representação possivelmente real da “Zambézia”.

Ainda assim, entre todos os elementos intertextuais que corroboram com uma proposta idealizada e esvaziada de todas as discussões de fato historicamente pertinentes sobre o continente africano, encontra-se em destaque o romance de propaganda colonial inglesa *King’s Solomon Mines*, de Henry Rider Haggard. Ora, a inserção do livro na trama d’*A ilustre casa* é estruturante das dinâmicas de construção simbólica de África pois evidenciam a mesma hierarquia de valorização cultural posta em discussão por Silvestre. O fato de Gonçalo ter como “livro de cabeceira”, por assim dizer, um romance de propaganda colonial, estabelece claramente os pressupostos

estruturais daquela realidade e, como consequência, da sua representação perspectivada no romance. Como exemplo, destacamos a reiterada e muito representativa descrição do tempo que Gonçalo passou no continente africano:

Ele contou muitas coisas interessantes da África. Traz notas para um livro, e parece que o prazo prospera. Nestes poucos anos plantou dois mil coqueiros. Tem também muito cacau, muita borracha. Galinhas são aos milhares. É verdade que uma galinha gorda em Macheque vale um pataco. Que inveja! Aqui em Lisboa custa seis tostões, só com ossos – porque tendo também alguma carne no peito, salta para cá dez tostões, e agradece! (QUEIROZ, 1997: 465)

O discurso do exagero, da irrealidade, e, em especial, da comparação entre o mundo perfeito de galinhas gordas valendo um pataco, com a dos ossos custando seis tostões em Lisboa, coloca em foco exatamente o ímpeto colonial, mas que é fruto de uma estruturação simbólica europeia. Ou seja, se a falência das realizações em Portugal aponta para um fracasso social de cunho colonial, a idealização simbólica da personagem só pode caminhar, também, no sentido colonial.

Dessa forma, uma leitura possível d'A *ilustre casa* é a que percebe na jornada de Gonçalo não uma formação, uma aprendizagem ou crescimento, mas uma concretização completa do devir colonial que estava posto em seu sistema de valores. O rompimento com a vida política no interior que causa a ida do protagonista à África se relaciona, então, não com uma mudança de nível moral, mas uma constatação de si em nível colonial. Os deméritos culturais de si, enquanto colonizado, são percebidos, mas a solução em África não se dá pela superação de tais deméritos, mas como consequência deles.

Em ambas as representações ecianas, do Brasil e de África, percebemos uma utilização constante do arcabouço ideológico colonial. A consideração de Vanzelli (2013) a respeito das opiniões típicas de Fradique apesar das descrições modernas do dândi pelo seu narrador em “Memórias e Notas” também se aplica ao caso de Gonçalo, com a exceção de que o uso do repertório exótico e simplificador não é questionado. A viagem de Gonçalo, portanto, está muito próxima das viagens “para-coloniais” (Silvestre, 2007: 409), de Fradique, enquanto ambos são manifestações da constatação da dupla pertença de Portugal enquanto colonizado e colonizador. A escolha das personagens reflete, então, a vitória constante do colonizador sobre o colonizado, seja na fuga de Fradique e Gonçalo de Portugal para se libertarem das hierarquias europeias, seja em suas sobreposições aos seus criados e todos aqueles que se colocam como subalternos nos países não-europeus.

A (re)organização dos discursos coloniais por Eça

No entanto, como reiteramos anteriormente, é no silenciamento de certas personagens e de certas oposições ideológicas que percebemos, em muito, sua importância na concretização final da obra ulterior de Eça. Se compreendemos o efeito ambíguo d'*A correspondência* e d'*A ilustre casa* nas considerações sobre a empresa colonial portuguesa, podemos também investigar sua concretização estética. Com esse resultado final de ambas as viagens das personagens queirosianas – isto é, a ambiguidade –, devemos observar que, enquanto elaboração ficcional, o estabelecimento dessas dinâmicas possui uma dupla realização, também. Em primeiro plano, como destacamos no caso de Fradique em relação ao Brasil de Prado, há uma adesão aos discursos típicos e exóticos da realidade local do país. Da mesma forma, o continente africano de Gonçalo trabalha, mais do que qualquer coisa, um “espaço mítico obtido pelo rito da travessia e constituindo a última fase do desenvolvimento psicológico da personagem central” (COELHO, 1997: 417). Isso não implica dizer, contudo, que Eça está desatento ao uso exótico dessas construções, mas, como aventamos anteriormente, significa sua pesada consciência a esse respeito, que se transmite nos emudecimentos constantes.

Se, por um lado, Eça utiliza ideários tipicamente oitocentistas para estabelecer sua constatação da dinâmica colonial estabelecida em Portugal e que se sucede para suas colônias, esse uso não está posto levemente, mas é colocado a fim de ironizá-lo. A autoconsciência do exagero, do exotismo, da simplicidade e, por vezes, do preconceito, estão ali postos de modo a guiar uma segunda leitura, consideravelmente mais forte do que uma primeira mais imediata. É nesse sentido que caminha nossa análise dos episódios narrados, buscando estabelecer de que forma Eça reutiliza os discursos coloniais mais típicos de sua época, em prol de os expor como tais e, por vezes, de ironizá-los enquanto verdades absolutas e inescapáveis.

Narrando a volta de Gonçalo após seu período em África, o relato do administrador enfoca brevemente a figura de Bento após falar do aparecimento de fidalgo:

De repente, no meio de toda aquela nata de brasões, o primo Gonçalo rompe e cai nos braços do homenzinho de bonnet agalado que recebia à porta os bilhetes. Sempre o mesmo Gonçalo! Parece que o conheceu ao chegar a Lourenço Marques, onde o homem tratava de se estabelecer como fotógrafo. Mas já esquecia o melhor – o Bento! Não imaginas o Bento... Magnífico! Deixou crescer um bocado de suíça. É um modelo, vestido em Londres, de grande casaco de viagem de pano claro, até aos pés, luvas amareladas, gravidade imensa. (QUEIROZ, 1997: 465)

É curioso pensar que Gonçalo é “sempre o mesmo” enquanto Bento muda consideravelmente, e para melhor, de acordo com o relato. O criado está, agora “mais europeu” se assim podemos afirmar. Com um traje londrino, de “gravidade imensa”, suíças marcantes e com grande casaco de viagem, Bento é – assim como considerava Silvestre – uma metonímia ampliada de Gonçalo que, em contrapartida, mantém-se o mesmo. Nota-se que o texto consegue, pela mudança de Bento, afirmar a grandeza do que Gonçalo fizera, sem, contudo, alterar a aparência do patrão, fazendo com que a grandeza transposta para Gonçalo por meio de Bento está dada concomitantemente a sua consistência em relação a quem era, como se afirmando que o potencial para o enriquecimento sempre estivesse no fidalgo, agora apenas ressaltado em Bento. Essa manutenção do estado anterior do senhor, em contraposição a alteração valorativa do criado, reitera o argumento da corrente dialética entre senhor e servo, pois na imutabilidade do senhor é que reina sua veleidade distante da vida material. Isto é, se o engrandecimento de Gonçalo é medido em parte pelo reconhecimento da alteração do servo, é coerente afirmar que o estado de interdependência é apenas ratificado pela experiência em África. Assim, o reconhecimento de Gonçalo como senhor, está constantemente ligado à vida material daquele que reconhece. Como pontuamos anteriormente, se Fradique só pode perpetuar seu papel como senhor diante de Smith a partir de seu caráter cosmopolita, leia-se, sua fuga do eixo eurocêntrico, o mesmo ocorre com Gonçalo e seu Bento no contexto da exploração no continente africano.

O discurso colonial trazido por Eça é, por isso, tão poderosamente alinhado em sua personagem que expõe as mais sutis estruturas do ideário colonizador, de modo que a redundância final do destino de Gonçalo funciona como um decreto da falência daquele mesmo discurso. Semelhante é o que se passa com Fradique, de maneira ainda mais falseadora, pois a constante exposição da “nua Verdade” para com Prado na corrosiva crítica ao Brasil, passa por acusar-se, enquanto não percebe a própria contradição do que se diz. Dito de outra forma, se a mera cópia de valores culturais europeus são alvo de crítica ao Brasil, cabe perguntar se o mesmo não é válido aos portugueses, ou ainda se o alvo colonizador de Gonçalo é sempre a simplificação do outro, em buscas campesinas e idílicas, é válido questionar se o mesmo não pode ser dito das opressões inglesas para com a nação portuguesa.

Em uma leitura menos socialmente detalhada, a partir da veia esteticamente aplicada de Eça, é possível notar, no contexto de sua apreciação por Baudelaire, o efeito de um certo tropo literária denominado como “terra de ninguém” que parece funcionar de forma muito semelhante ao que o autor constrói na Zambézia de Gonçalo e no Brasil de Fradique.

Ora, uma vez estabelecidas as devidas diferenças ao nível da história literária, essa é também a função da criação estética de Eça na sua fase final, a mais importante porque a de mais original e universal fusão de tendências. **Nela, o exílio interior baudelairiano concentra-se, é transposto para uma ideia de pátria perdida [...]** essas leis baudelairianas da criação, **apelando essencialmente para o imaginário, para a transcendência da imaginação simbólica**, nem por isso são menos “exactas”: elas implicam uma elaboração intelectual em que predomina a dialéctica pensamento-sentimento, [...] se há realmente uma ideia de distância na fase final da Geração de 70, distância em relação à história oitocentista, ou, melhor, à acção histórica, à intervenção social, política e mesmo à intervenção cultural na segunda metade do século XIX, é porque há sobretudo um enriquecimento ao nível da própria ideia de história, visando atingir a realidade essencial dum país, libertando-se do circunstancial, da história vivida. Um enriquecimento, uma complexidade, enfim, ao nível do próprio acto de pensar. (MACHADO, 1980: 392, grifo nosso)

No trecho, Álvaro Manuel Machado ilustra bem a força imaginativa do autor e de que forma sua consciência da recente história literária e, de maneira mais ampla, se assim quisermos, da história das ideias do século XIX, potencializa, em um nível estético e simbólico, a produção e rearticulação de propostas puristas e irreais de pátrias e terras alheias à realidade imediata do autor. Se há, nesse bojo, um teor crítico do falso progressismo vigente, há também uma mistificação que não permite a perfeita e exata leitura de sua proficuidade na pena de Eça, o que, novamente, não implica em afirmar seu desconhecimento, mas seu constante uso dialógico de tais presenças estéticas sob contraste.

De fato, ao mesmo tempo que Eça se coloca como veículo da constatação do discurso colonial, não deixa que esse discurso passe por si íleso, mas dialoga, em suas personagens, com uma polifonia que põe mais de um significado em foco, por vezes a partir da explicitude desse discurso colonial primeiro. Afinal, levando tudo a cabo, o narrador queirosiano troça a todos os discursos de forma esteticamente funcional, num proceder que nos coloca em constantes enlaces teóricos e redescobertas literárias.

Considerações finais

Em suma, parece-nos importante destacar que é a partir de um parâmetro eurocêntrico que Eça consegue viabilizar a leitura de vozes marginais, subalternas e que, em essência, estão apagadas. Em uma leitura atenta dos silêncios e apagamentos, é possível notar que o outro, ou a ideia do outro, vista pelas lentes exageradamente limpas de um eu, podem soar alheias, estranhas e contendo significados diversos que dizem respeito a mesma realidade que

os discursos dominantes pretendem apagar. Mais do que dizer que Gonçalo é fradiquista ou que Fradique tem um “quê” de Ramires, destacamos que ambos estão sob a forte pena queirosiana, o que consiste em suspeitar de toda e qualquer leitura unívoca e monológica de seus discursos.

De forma detalhada, buscamos afirmar (i) a presença constante das tensões entre senhor e servo e como sua disputa – e no caso das obras semi-póstumas, sua conclusão – significa o destino dos protagonistas, enquanto estão posicionados como senhores, (ii) a utilização e aproveitamento de uma série de ideários coloniais, expressos em discursos e discussões de valorização cultural no contexto, especialmente, de Fradique Mendes, mas coesamente expressos na inquietude de Gonçalo Ramires em face sua veleidade, e (iii) de que forma a disposição autoconsciente dessa dialética corrobora uma leitura de afastamento entre os discursos coloniais e qualquer utilização didática desses discursos, pelo contrário, encorajando uma leitura de dúvida e ambiguidade.

Curiosamente, são essas pistas de incongruência psicológica colocadas em Gonçalo Ramires e Fradique Mendes que tornarão a crítica do último Eça tão profícua e polêmica, a seu modo. Na contemporaneidade, esse dialogismo chama tanta atenção que, no caso de Fradique, por exemplo, sua história terá constantes novas vidas, cada uma a seu foco. Destacamos, em especial, o caso de *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*, de José Eduardo Agualusa, que buscará deixar um legado não menos dialógico, mas tanto mais híbrido, contando o que o Fradique de Eça nunca quis contar: sua experiência em África. Cabe, talvez, a um outro autor, pensar a mítica – e quase fantástica – experiência de Gonçalo em sua Zambézia, talvez já não tão sua, nessa nova possível vida.

Referências

- BUCK-MORSS, Susan. (2009). *Hegel, Haiti, and Universal History*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press.
- COELHO, Maria Teresa Pinto. (1997). “A Ilustre Casa de Ramires e a Questão Africana: entre a história e o mito.” *150 Anos Com Eça de Queirós*. Eds. Elza Miné; Benilde Justo Caniato. São Paulo, SP: Centro de Estudos Portugueses. 409-419.
- MACHADO, Álvaro Manuel. (1980). “A Geração de 70: uma literatura de exílio”. *Análise Social*, v. 16, No. 61/62: 383-396.
- QUEIRÓS, Eça de. (1997). *Obra completa (Vol. I e II)*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Aguilar.

- REIS, Carlos. (1999). "Fradique Mendes: origem e modernidade de um projeto heteronímico". *Estudos Queirosianos. Ensaaios sobre Eça de Queirós e a sua obra*. Lisboa: Editorial Presença. 237-241.
- SANTOS, Boaventura Sousa. (2010). "Modernidade, identidade e cultura de fronteira". *Tempo Social*; No. 5 (1-2): 31-52.
- SCOTT, Ana Silvia. (2010). *Os portugueses*. São Paulo, SP: Contexto.
- SILVESTRE, Osvaldo Manuel. (2007). "Grilo e Smith ou a Dialéctica (Colonial) da Criação". *Diacrítica: Ciências da Literatura*, No. 21/3: 401-416.
- VANZELLI, José Carvalho. (2013). *Eça de Queirós e o Extremo Oriente*. Dissertação, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

